



A NEUROLINGUÍSTICA DISCURSIVA E AS POSSIBILIDADES LINGUÍSTICAS DO SUJEITO AFÁSICO

Tamiles Paiva Novaes⁶⁵
(UESB)

Nirvana F. Santos Sampaio⁶⁶
(UESB)

RESUMO

O presente artigo discute, brevemente, os pressupostos teóricos da Neurolinguística Discursiva, o funcionamento da linguagem no sujeito acometido pela afasia e uma reflexão sobre as relações entre a linguagem, o sujeito e a afasia. Apresentamos aqui a afasia e as questões a ela relacionadas e a neurolinguística Discursiva, a partir dos estudos de Coudry. A ND acredita em uma prática clínica que não separa língua(gem), cultura e sociedade.

PALAVRAS-CHAVE: Linguagem; Afasia; Neurolinguística Discursiva.

INTRODUÇÃO

Interessa-nos nesse trabalho pensar sobre a Neurolinguística Discursiva e as bases que fundamentaram essa teoria. Primeiramente, é preciso pensar sobre o conceito

*Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Linguística, na Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, campus de Vitória da Conquista, CEP: 45083-900. Pesquisadora do Grupo de Pesquisa e estudo em Neurolinguística (GPEN/CNPq), bolsista CAPES. Email: novaes.tamiles.paiva@gmail.com

**Coordenadora do projeto e orientadora Professora Doutora em Linguística, lotada no DELL/UESB, campus de Vitória da Conquista, CEP.45083-900. Líder do Grupo de Pesquisa e Estudo em Neurolinguística (GPEN/CNPq).

⁶⁵

⁶⁶



de afasia, para assim mergulharmos nas nuances que a rodeiam e como esse fenômeno afeta a língua(gem) do sujeito afásico. Para fundamentar este estudo, utiliza-se as discussões propostas, principalmente, por Freud (1891), Saussure (1916), Jakobson (1969; 1970), Luria (1974) Coudry e Possenti (1983), Coudry (1988; 2002; 2008; 2011; 2010), dentre outros trabalhos que subsidiam esta pesquisa na perspectiva dos estudos linguísticos e no contexto da neurolinguística discursiva.

A NEUROLINGUÍSTICA DISCURSIVA

A noção de linguagem abraçada pela Neurolinguística Discursiva, doravante ND, é mais abrangente que a tradicional, e, como o próprio nome encerra, tem caráter discursivo, mais adequado ao estudo da linguagem na patologia, pois tem como objetivo tornar visíveis tanto as alterações que o indivíduo apresenta e as tentativas de superá-las, quanto os processos alternativos de significado de que se serve para enfrentar as dificuldades linguísticas as quais é exposto (COUDRY e Possenti, 1983 p. 15).

A visão da linguagem que rege os pressupostos da ND é a mesma pautada por Franchi (1992) que a concebe como um lugar de interação humana, de que o sentido é apreendido a partir do contexto social, histórico e ideológico, sendo característica principal dessa noção de linguagem, o diálogo. Para o autor, “a linguagem designa um processo que não está sujeito a um conjunto estável e permanente de categorias, pois responde à provocação da imaginação; que *constitui, mas não se institui*; que não se fixa, mas retoma e se renova”. (Franchi, 1992, p. 31), rejeitando assim toda a redução da linguagem a um sistema formal.

Franchi (1976) reafirma:

Bem repetindo Humboldt, a linguagem é um processo, cuja forma é persistente, mas cujo escopo e modalidades do produto são completamente indeterminados; em outros termos, a linguagem em um de seus aspectos fundamentais, é também um instrumento de subversão



das categorias e criação de novas estruturas. Nesse sentido, a linguagem não é somente um processo de representação, de que se podem servir os discursos demonstrativos e conceituais, mas ainda uma prática imaginativa que não se dá em um universo fechado e estrito, mas permite passar, no pensamento e no tempo, a diferentes universos, mais amplos, atuais, possíveis ou imaginários (FRANCHI, 1976, p. 54).

Coudry, também busca, em Benveniste, “Teoria da enunciação”, o preceito de que “antes da enunciação, a língua é apenas possibilidade de língua” (Benveniste, 1970, p. 14). DeFreud, em “A interpretação das afasias”, Coudry leva em conta a questão, entre outras, de que “falar pressupõe estar na relação com o outro, o que se faz pela via do sentido, associando a imagem sonora da palavra ouvida com a impressão cinestésica/inervação do aparelho motor da fala com o objetivo de aproximar o som produzido do som ouvido.” (Coudry, 2008, p.12).

A autora afirma que estudos feitos por Lúria, por exemplo, já mostravam a eficácia do acompanhamento longitudinal dos sujeitos acometidos por determinadas patologias, mesmo não sendo este o interesse naquela época. Por outro lado, a contribuição de Jakobson gira em torno da classificação de acordo com os “eixos” de organização da linguagem: o paradigmático, que estaria comprometido nos afásicos com dificuldades na seleção de elementos linguísticos dentro de uma mesma categoria; e o sintagmático, relacionado à sua combinação (fonemas em morfemas, estes em palavras; palavras em sentenças). Dessa forma, a fala normal seria caracterizada por uma bipolaridade, quando seleção e combinação funcionariam adequadamente e a fala patológica do afásico seria caracterizada pela ruptura dessa bipolaridade.

Coudry e Morato (1990) ampliam a concepção de neurolinguística, apoiadas em autores com Vygotsky (1987) e Pêcheux (1990), enfatizando que seu interesse é a produção de sentido e estudando a relação de discurso e cognição de modo dinâmico, histórico e intregado. Assim, segundo as autoras, estão integrados elementos cognitivos, socioculturais, linguísticos e psíquicos. Segundo Morato (2001), a Neurolinguística moderna interessa-se por estudos relacionados ao processamento da linguagem normal e



patológica, mediante modelos criados não só pelo campo linguístico, mas também por outros campos, como a Neurociência, Neuropsicologia e Psicologia cognitiva, tendo o foco em questões de agramatismo e parafasias; estuda também as repercussões dos estados patológicos e do funcionamento da linguagem buscando fundamentações teóricas linguísticas, faz estudos sobre os processos alternativos da linguagem (os verbais e não verbais), trazendo discussões sobre a forma como se avalia ou diagnostica os dados linguístico-cognitivos no campo clínico e linguístico; tece discussões sobre aspectos éticos e socioculturais relacionados a contextos normais ou patológicos, analisando os metadiscursos clínico-médicos sobre os distúrbios e as orientações terapêuticas e estuda ainda os processos discursivos que relacionam linguagem e cognição.

Coudry (1986/88) explica que a linguagem é, sobretudo, uma ação sobre o outro. Afirma que as expressões linguísticas guardam relações com a subjetividade. Também, para a autora, é no discurso, ou seja, na *linguagem em funcionamento*, que se cruza o conhecimento coletivo e individual, sendo no meio do discurso que o sujeito se constitui com tal, ao mesmo tempo em que organiza a linguagem e sistematiza com o meio físico e social.

A ND, segundo Coudry(1988), propõe uma prática que avalia o sujeito de forma longitudinal, ou seja, por um período mais longo, no dia-a-dia. Acompanha-se o sujeito em situações reais e no uso efetivo da língua e não de forma artificial e numa única sessão. Outro diferencial é a análise e construção dos dados, que é feita a partir do dado-achado.

O dado-achado, segundo a autora, “é produto da articulação de teorias sobre o objeto que se investiga com a prática de avaliação e acompanhamento clínico de processos linguísticos cognitivos” e é a partir desta concepção de Neurolinguística que a autora desenvolveu o seu trabalho. O que torna o dado um dado-achado e diferenciado é o modo contextualizado em que é colhido e o olhar que é lançado sobre ele. O investigador utiliza o dado-achado como pista para entender os caminhos percorridos pelo sujeito, suas dificuldades e as estratégias encontradas. Há uma interpretação do dado. Esse modelo é inspirado no dado singular proposto pelo paradigma indiciário de



Ginzburg (1986) que tem como proposta um modelo epistemológico baseado no detalhe, no particular, que mostra muito além daquilo que se vê superficialmente.

A ND ocupa-se, portanto, dos processos interacionais da linguagem, das relações entre os processos cognitivos e a linguagem, e as condições de produção. Ao mesmo tempo a ND evita trabalhar com testes ou formulários, pois, conforme Coudry (1986; 1988, p.15) tais procedimentos não reportam as relações de interlocução, não tornam claras as “intenções discursivas”.

A LÍNGUA E O SUJEITO AFÁSICO

Primeiramente, é necessário entendemos o que é afasia e mergulhar nas nuances que se revelam em torno desse conceito. A afasia como alteração do funcionamento da linguagem é considerada a partir de um evento neurológico e distingue-se das trocas ou dificuldades com a linguagem apresentadas por pessoas em perfeitas condições de saúde.

Jakobson (1970, p. 43) explica que “[...] a afasia pode levar a uma redistribuição das funções linguísticas”, o que induz a considerar que esse estado afeta tanto um nível linguístico quanto sua relação com outros níveis, afetando a linguagem. Nesse sentido, “[...] se antes a fala transcorria como natural, com todas as marcas da fala humana, no estado afásico, não estão mais tão à disposição de quem fala, havendo uma interrupção no fluxo do discurso.” (COUDRY; et al, 2010, p. 382).

Em relação ao sujeito na afasia, Coudry (2002) afirma que *há linguagem na afasia quando há sujeito* e que afásico e não afásico compartilham de um sentimento/atitude comum de incompletude frente à linguagem e à língua. Para a autora, várias situações do cotidiano, como sentir mais incompleto do que habitualmente, hesitando, retomando e interrompendo, podem acontecer com pessoas não afásicas e afásicas, a diferença está na frequência e na dificuldade maior para o sujeito afásico sair desse mau momento. A Neurolinguística acredita que, é preciso criar uma comunidade de falantes, pois um sujeito que se manifesta por meio da linguagem, tem um papel ativo e reconstitui-se na



interação, “[...] é a partir da prática discursiva e de seus constituintes que aquilo que o sujeito identificou na língua passou ou passa a ‘fazer’ sentido para ele.” (MORATO, 2001, p. 167).

Coudry (1988), ao descrever as condições e estratégias da prática clínica com a linguagem que envolve procedimentos metodológicos como a agenda, o álbum de retratos, o caderno de atividades, o trabalho com leitura do jornal, a interação com a família, a tematização de fatos e atividades de interesse social, defende que, com esses e outros procedimentos, é possível a reconstituição do paciente como sujeito dentro da língua, assim, observando os caminhos percorridos por ele para atingir os seus objetivos.

CONCLUSÕES

Apresentamos aqui noções norteadoras para a nossa investigação. Sabemos que a afasia encontra-se entre os diversos problemas que alteram a linguagem e acarreta alterações na vida social, profissional, emocional e pessoal de indivíduos que a possuem. Faz-se necessário pesquisar sobre o impacto gerado pela privação da linguagem na vida desses indivíduos, pois isso possibilita ao pesquisador elaborar meios de reabilitação, para que esses sujeitos consigam reestruturar e contextualizar a linguagem participando novamente das diferentes situações do convívio social. Acreditamos que com a possibilidade de uma interação social mais efetiva, com a inter-relação, o sujeito ganhará fortalecimento da sua autoestima e conseqüentemente na qualidade de vida.

REFERÊNCIAS

- BENVENISTE, E. O aparelho formal da enunciação. In: **Problemas de Lingüística Geral**. São Paulo: Editora Nacional. 1970.
- COUDRY, M.I.H. **Diário de Narciso: Discurso e afasia. Análise das interlocuções com afásicos**. 1986. Tese (Doutorado em Linguística)-Instituto de Estudos da Linguagem da



ISSN: 2175-5493

XI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de outubro de 2015

Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1986.

COUDRY, M.I.H. O que é o dado em Neurolinguística?. In: CASTRO, M.F. P(org). **O método e o dado no estudo da linguagem**. São Paulo. Editora da UNICAMP, 1996.

COUDRY, M. I. H. Neurolinguística Discursiva: afasia como tradução. In: **Revista Estudos da Língua(gem)**, 6, n. 2, 2008. (Disponível em: <http://www.estudosdalinguagem.org/seer>).

COUDRY, M.I.H.. **Diário De Narciso: Discurso e Afasia. Análise de interlocuções com afásicos**. 1986. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

COUDRY, M.I.H.: POSSENTI, S. Avaliar discursos patológicos. In: **Cadernos de estudos Linguísticos**, Campinas, n.5, p.99-109, 1983.

MORATO, E.M. Neurolinguística. In: MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. (Org.). **Introdução à linguística: domínios e fronteiras**. São Paulo: Cortez, 2001, p. 143-169.